

*O atrás do pensamento na escrita de Clarice Lispector: a
ausência em Água Viva*

Mariane Garin Belando¹

Resumo: Sabe-se que a escrita de Clarice Lispector é marcada por sua natureza subjetiva, imprevista, inconfundível em relação à de outros autores. E esta marca é corroborada em seu livro *Água Viva*, publicado em 1973. Trata-se de uma obra em que a intenção maior é a busca incessante de poder transformar sensações em palavras, tentar exprimir um viver que se transforma a cada instante. Uma linguagem que se liberta de quaisquer convenções, que quer trazer à tona o que é impronunciável. A tentativa de poder sair de si e transmutar-se, ser árvore, bicho, o mundo, ser impessoal. E a intenção do presente trabalho é a de experimentar o que está oculto, o que está atrás do pensamento, do raciocínio de Clarice Lispector em *Água Viva*. Perceber que é na ausência de significação que o mais profundo de cada ser se manifesta.

Palavras-chave: Liberdade; Sensações; O instante; Pensamento; Ausência.

Abstract: It is known that the writing of Clarice Lispector is marked by its subjectivity, unpredictability and unmistakable nature in relation to other authors. And this mark is corroborated by her book *Água Viva*, published in 1973. In this book, the greatest intention is the unceasing quest to transform feelings into words, try to express a life that changes at every moment. A language that is free of any convention, which wants to light up what is unpronounceable. Attempting to get out of herself and transmute in a tree, in an animal, in the world, to be impersonal. And the intent of the present work is to experience what is hidden, what is behind the thinking of Clarice Lispector at *Água Viva*. Perceive that it is in the absence of signification that the deepest of each being is manifested.

Keywords: Freedom; Sensations; Instant; Thought; Absence.

Ao ler Clarice Lispector, é inevitável o encontro com uma escrita distinta à de outros autores, capaz de causar estranhamento, que faz refletir sobre o seu modo de acontecer. Uma escrita que põe em jogo o escritor e, conseqüentemente, os leitores, sendo que sua máxima está nas palavras e na forma como são improvisadas.

¹ Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Acadêmica do curso de Letras-Português da Universidade Federal de Santa Catarina marianebelando@yahoo.com.br

Este trabalho tem, portanto, a intenção de, através de excertos retirados da obra *Água Viva*, publicada em 1973, comprovar que se trata de uma linguagem única, singular. Uma linguagem que fala por si, como se fosse decorrente de um momento epifânico, um encontro com o sagrado, ou melhor, um encontro na ausência, uma procura para entender o significado dessa solidão, o que faz com que as palavras tenham luz própria, já que

produzem uma espécie de contínuo formal do qual emana aos poucos uma densidade intelectual ou sentimental impossível sem elas; a fala é, então, o tempo espesso de uma gestação mais espiritual, durante a qual o “pensamento” é preparado, instalado pouco a pouco pelo acaso das palavras. (BARTHES, 1993, p. 141).

Tal pensamento, proposto por Barthes, é o mesmo presenciado em Clarice, como um pensamento que pensa a si mesmo, um ato liberado da necessidade de forma, um ato libertatório, “livre a um ponto que ao próprio pensador esse pensamento parece sem autor” (LISPECTOR, 1998, p. 89).

Para agir desse modo, livre, acredita-se na necessidade de o escritor transcender a si próprio, produzir linhas de fuga para separar-se dos limites impostos pela vida social, desfiar-se do que é mantido como interior e exterior, em que o nascer e o morrer estão em constante relação, não havendo início nem fim. Há um narrador-personagem em *Água Viva*, há um “eu”, mas um “eu” sem nome, que se excede, que é ao mesmo tempo animal, árvore, sonho, um “it”, que nasce e morre nas escuridões, e volta a nascer de novo; um “eu” essência, impessoal.

Em Deleuze e Guattari (1997), apresentam-se conceitos como ritornelo, rizoma, imanência, os quais têm como alicerce a constante desterritorialização e reterritorialização, e, nesses dois, há espaços-tempos heterogêneos e cada ser é capaz de sair de seu território constituído e voltar ao seu território outro. Tal território está incumbido de capturar forças não visíveis, apreender uma força cósmica que persegue a matéria e a transpassa. Tem-se um centro, um território seguro, mas há um território

outro, que grita, que pede a passagem. É a possibilidade de escapar ao que foi construído como confiável e ser lançado ao devir, sem que se extinga a potencialidade de voltar ao que já fora instituído como estável, sempre em constante relação. Linhas de fuga, um ir e vir em que o pensamento é levado ao auge de suas forças, em busca de um *algo* que jamais poderá ser proferido. E partindo desse pressuposto, o escritor primeiramente

busca o segredo em conteúdos, mesmo insignificantes, entreabertos, entrepercebidos. Depois, ele evoca a possibilidade de uma forma infinita do segredo que nem precisaria mais de conteúdo e que teria conquistado o imperceptível. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 86).

Tal busca é considerada pertinente à obra *Água Viva*, pois nela a autora vive à beira, vive arriscando, à procura do que é o existir, que é, senão, o viver aqui cada coisa que surgir sem importar o quê. “Mas sinto que ainda não alcancei os meus limites, fronteiras com o quê? sem fronteiras, a aventura da liberdade perigosa” (LISPECTOR, 1998, p. 18). Um eterno anseio pela liberdade, um ato de pôr em palavras a existência transgressora.

Um eterno devir, utilizando as palavras para tentar encontrar as entrelinhas, a palavra colhendo o que não é palavra e, a partir daí, se escreve. Como uma flecha em direção ao seu alvo, sendo o importante a sombra da flecha, pois as palavras são insuficientes para delinear a experiência interior, que só pode ser abordada na vitalidade do próprio ato, na pulsação do seu presente. Só nesse exato momento

a experiência atinge a sua verdadeira profundidade. Já não se trata de personagens sob a proteção securizante de um nome pessoal. Já não se trata de narrativa ainda que conjugada no presente sem forma de monólogo interior. O que era narrativa tornou-se luta, o que tinha rosto agora é sem rosto. (BLANCHOT, 1984, p. 223).

Uma experiência em estado febril de êxtase, na qual se coloca à prova aquilo que se sabe pelo fato de ser, uma escrita entre o sono e a vigília. A cada momento uma

realidade nova desprovida de pensamento e sem palavras que possam significá-la, sensação que está atrás do pensamento. “No fundo, bem atrás do pensamento, eu vivo dessas ideias, se é que são ideias. São sensações que se transformam em ideias porque tenho que usar palavras” (LISPECTOR, 1998, p. 92). Pensamento que é intrínseco à música, à dança, ao movimento; artifícios que fazem surgir uma realidade delicadíssima, um momento fugaz, um instante já marcado pela sua ausência. Uma dança que exige um corpo esvaziado de forma, pois o “essencial não está nas formas e nas matérias, nem nos temas, mas nas forças, nas densidades, nas intensidades” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 159). E Clarice soube muito bem ser intensa ao tentar transmutar-se, ao tentar ser todos os corpos, ser animal, ser bailarina, ser o mundo, experimentar todos os seus ecos, já que não consegue transpor em palavras o seu “eu” propriamente dito.

Em *Água Viva*, a linguagem fala incessantemente, sem qualquer forma de controle, sobre o assunto que é, senão, o próprio ato de ser da linguagem. É a linguagem falando por si própria, um estado de graça que ausenta a narradora, um encontro espiritual: “estou esperando a próxima frase. É questão de segundos” (LISPECTOR, 1998, p. 35); “não dirijo nada. Nem as minhas próprias palavras. Mas não é triste: é humildemente alegre” (p. 34). Epifania que excede o discurso e que acomete a sua dessubjetivação, tornando a linguagem o ser do texto literário, onde as palavras e seus espaços vazios nunca cessam, silêncios que estão presentes para corroborar o desapego, o distanciamento do sujeito.

O silêncio, o vazio como uma manifestação da liberdade. “Luto por conquistar mais profundamente a minha liberdade de sensações e pensamentos, sem nenhum sentido utilitário: sou sozinha, eu e minha liberdade” (p. 23). É com essa gana que se escreve de modo intuitivo sem se preocupar com uma ideia preestabelecida, já que “há muita coisa a dizer que não sei como dizer” (p. 29). A linguagem de Clarice exige que autora se arraste para fora de si e se entregue ao exterior, à experiência do fora:

ouve apenas superficialmente o que digo e da falta de sentido nascerá um sentido como de mim nasce inexplicavelmente vida alta e leve. A densa selva

de palavras envolve espessamente o que sinto e vivo. E transforma tudo o que sou em alguma coisa minha que fica fora de mim (p. 25).

Só há experiência se o outro estiver em jogo, o jogo do “fora si-mesmo”, pois este cria novas possibilidades para a vida, novas capacidades de vida. “O outro lado de mim me chama” (p. 20). Pensando desta forma, é capaz de criar novas maneiras de existência, novos modos de vida e, nesse contexto,

a experiência literária é combativa, resistente, uma vez que se coloca na contramão do que está estigmatizado enquanto verdade, da moral vigente em cada época. Pensar é antes de tudo resistir, não deixar que os valores se fixem onde estão, tornar as coisas móveis, desterritorializá-las, operar o movimento próprio do nômade. (LEVY, 2003, p. 120)

E assim agiu Clarice, indo de encontro ao que os outros pudessem pensar, às idiossincrasias de sua época. “Sou-me. Tu te és” (LISPECTOR, 1998, p. 29). Sua escrita tornou-se necessária, foi o pulsar de suas veias que exigiram tais realizações. Não se trata de devaneios, como apontam algumas críticas, ao contrário, trata-se de uma linguagem autêntica que adquire o seu estatuto de ser, tentando exprimir o que há de mais profundo na vida. A vida observada pela vida.

A linguagem de Clarice Lispector é bailarina, e em sua dança é subtraído todo o saber de seu corpo, como se ele fosse inventando no instante-já e seguisse o seu fluxo naturalmente. Um corpo leve, sem órgãos, propondo um esquecimento milagroso de todo seu saber e se entregando a um pensamento livre, a uma essência nua, nova, virgem. E

se a dança representa o pensamento inato, só pode representá-lo segundo uma destinação universal. Não se destina à singularidade de um desejo, cujo tempo, ademais, ainda nem mesmo constituiu. É o que expõe a nudez dos conceitos. (BADIOU, 2002, p. 91).

Clarice em constante improviso, dando à sua existência uma significação oculta que a ultrapassa, transfigura a sua realidade e outra realidade vem e a recria.

Novas articulações que estão para além de sua condição humana. Assim como o jazz apresenta na sua construção algumas improvisações, Clarice improvisa a sua existência, lançando-se ao acaso, no qual a linguagem joga com o estado de perda, um jogo que coloca em risco tal linguagem, esse código convencionado, e Clarice sabe jogar muito bem, pois, para ela,

viver não é só desenrolar sentimentos grossos – é algo mais sortilégio e mais grácil, sem por isso perder o seu fino vigor animal. Sobre essa vida insolitamente enviesada tenho posto minha pata que pesa, fazendo assim com que a existência feneça no que tem de oblíquo e fortuito e no entanto ao mesmo tempo sutilmente fatal. Compreendi a fatalidade do acaso e não existe nisso contradição. (LISPECTOR, 1998, p. 68).

O “*it*”, em seu estado bruto, natural, sempre inalcançável, indo ao encontro da vida, esta, por sua vez, sombra flutuante e delicada, cuja liberdade deve ser vivida no presente. Um objeto que cria outros objetos e a máquina de escrever cria a nós todos. Mas mesmo que nisso haja um mecanicismo, Clarice não o obedece totalmente, pois ela é um objeto que grita e dança.

Uma escrita escorregadia que utiliza a arte como fuga, um tentar tornar visíveis as forças que não são. Um falar no momento o qual se é muito difícil falar. A ausência, a impossibilidade de o inconsciente vir à tona. Uma capacidade criativa que desestabiliza qualquer fixidez e mostra que o devir é permanente, mas, ao mesmo tempo, efêmero. Experimentações que conseguem ser transformadas em potência, pois

todo verdadeiro experimento é problemático, mas este dado negativo é logo transformado em uma vontade positiva de potência. O sentido é agora situado no eixo de uma economia dos afetos que embaralham os códigos da tirania do sujeito-rei, da exaltação dos poderes do eu, desvelando-o como uma construção ficcional. A ênfase se desloca para a descoberta do tu grávido do “*it*”, que é em Clarice pura escrita das sensações, do acontecimento. (LINS, 2004, p. 48).

E é nisso que Clarice Lispector inova, surpreende, ela destitui qualquer sistema de julgamento; ela ativa uma percepção do que seria o existir nessa vida, percebe a

importância da própria noção de experiência. Uma escrita na tentativa de ordenar o ininteligível, o indizível; através de suas sensações, a busca incessante por palavras, no movimento mais volátil do corpo. Em *Água Viva*, há sempre a intenção de “pegar o presente em cada frase que morre” (LISPECTOR, 1998, p. 84). É um tentar descrever o instante-já em que as palavras destroem o que se sente. O passado e o futuro são meras suposições, contudo o agora é inalcançável e acabou de virar passado. Clarice questiona se o tema de sua obra é o instante, se a palavra é objeto, se o que ela escreve está atrás do pensamento, pois “raciocínio é que não é” (p. 33), mas o que realmente importa é que ela se ultrapassa e se abdica de si tentando ser o mundo. “E as palavras são elas mesmas, sem tom de discurso” (p. 79).

Trata-se de uma história de instantes em que “o melhor de mim é quando nada sei e fabrico não sei o quê” (p. 68). Ao esperar uma compreensão das coisas, o ato de entrega nunca ocorrerá, e é nessa ausência que se tem água viva: na ausência de sentido, na ausência de si mesma, na violenta ausência de corpo e de alma, assim como na do gosto da água. Uma escrita líquida que embriaga.

Referências

BADIOU, Alain. **Pequeno manual de inestética**. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

BARTHES, Roland. **Novos ensaios críticos seguidos de o grau zero da escritura**. São Paulo: Cultrix, 1993.

BLANCHOT, Maurice. **O livro por vir**. Tradução de Maria Regina Louro. Lisboa: Relógio d'água, 1984.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Tradução de Suely Rolnik. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 1997.

LEVY, Tatiana Salem. **A experiência do fora. Blanchot, Foucault, Deleuze**. Rio de Janeiro: Relume;Dumará, 2003.

LINS, Daniel. Clarice Lispector: a escrita bailarina. In: _____; PELBART, Peter Pál (Org.). **Nietzsche e Deleuze. Bárbaros Civilizados**. São Paulo: Annablume, 2004, p. 45-60.

LISPECTOR, Clarice. **Água viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.